

Maria João Marçalo
Universidade de Évora

O SINTAGMA FIXO OU SINTEMA

Em 7 de Maio de 1992, Jeanne Martinet e André Martinet inauguraram em Évora um ciclo de conferências que se desenrolou em várias universidades portuguesas. Jeanne Martinet escolheu falar-nos da sintemática. Nasceu aí a ideia de apresentarmos nesta comunicação algumas reflexões sobre a sintemática do português europeu.

Ao procedermos à análise dos enunciados em unidades mínimas significativas deparamos com unidades que, comportando-se como signos mínimos, são constituídas por mais do que um monema. Sendo o monema definido como unidade significativa mínima (1), seria contraditório apelidar tais unidades de "monemas compostos" ou "monemas complexos".

O funcionamento de toda e qualquer ciência implica uma terminologia específica. A linguística enferma, talvez, de um excesso de inovações terminológicas, mas quando são os próprios factos linguísticos a exigir novos "instrumentos" de trabalho, a criação de termos novos impõe-se ao linguista. A introdução em 1967 do conceito de sintema revelou-se indispensável para designar todo o signo linguístico cujo comportamento sintáctico revele as mesmas características de uma dada classe de monemas e que seja susceptível de análise em duas ou mais unidades

mínimas de primeira articulação.

O sintema, tal como o monema, tem um conteúdo monossémico, ou seja, forma uma unidade semântica. Por exemplo, o sintema "amor-perfeito" significa tal como "cravo" um conceito simples. São, então, dois os critérios que nos permitem identificar um sintema: 1º o sintema apresenta as mesmas compatibilidades que os monemas de uma dada classe (2); 2º nenhum dos monemas que integram o sintema pode ser determinado individualmente, isto é, a determinação incide sobre a totalidade do sintema.

A sintemática abrange assim os capítulos tradicionais da composição e derivação e ainda as ditas formas fixas ou cristalizações.

Sensivelmente na mesma época em que Martinet cria o termo sintema, Herculano de Carvalho em Teoria da Linguagem (3) constata a necessidade de admitir uma gradação entre a palavra e o sintagma. Adoptando a distinção da linguística norte-americana (4), o linguista português separa os sintagmas livres dos sintagmas fixos, designação esta que adopta na falta de termo mais adequado (5). O sintagma fixo apresenta, segundo Herculano de Carvalho, as seguintes propriedades: 1ª - unidade semântica, ou seja, ao contrário do sintagma livre que significa um conceito complexo, o sintagma fixo significa um conceito simples: "couve-de-bruxelas", "guarda-fato" e "cadeira de ba-loiço" significam cada um um único conceito, tal como as palavras "alface", "arca" e "sofá". 2ª - A significação do "sintagma fixo" não resulta necessariamente da soma do significado

dos seus componentes, pode até nada ter a ver com ele, como acontece com "rabo-de-cavalo", "o camisola amarela" ou "pé-de-meia". 3º - um dos elementos do "sintagma fixo" pode não ser uma "verdadeira" palavra, ou seja, pode ser um elemento que perdeu a sua qualidade de significante autónomo, surgindo apenas como componente de "sintagmas fixos", como em "saca-rolhas" ou "altar-mor". 4º - Os seus componentes obedecem a uma ordem rígida, não permitindo a introdução de outros termos entre eles, como podemos atestar em "pé grande de meia". 5º - Em muitos "sintagmas fixos" não é possível a substituição de qualquer dos seus constituintes, não sendo também possível a sua supressão, por exemplo, não podemos substituir "bocas-de-lobo" por "bocas-de-leão", ou suprimir uma parte "bocas", sem destruir o sintagma fixo. 6º - Qualquer determinação afecta o sintagma fixo como um todo, por exemplo "lindos amores-perfeitos".

Comparemos agora as definições dadas por Herculano de Carvalho e por André Martinet de sintagma fixo e de sintema, respectivamente: "o sintagma fixo é uma associação de palavras em sequência fixa, que constitui uma unidade semântica perfeita e também muitas vezes semântica e morfológica" (Herculano de Carvalho, 1984,522); sobre o sintema, Martinet afirma: "Nous proposons donc de désigner au moyen du terme synthème les unités linguistiques dont le comportement syntaxique est strictement identique à celui des monèmes avec lesquels ils commutent, mais qui peuvent être conçus comme formés d'éléments sémantiquement identifiables" (A. Martinet, 1967,2).

Feito este esboço da teoria de Herculano de Carvalho

sobre o sintagma fixo, e da teoria funcionalista sobre o sintema, parece-nos lícito afirmar que o primeiro conceito é englobado pelo de sintema, proposto por Martinet, embora o conceito de sintema seja mais abrangente, pois abarca ainda as palavras compostas como "pontagudo", "sensabor" ou "pernilongo", que Herculano de Carvalho distingue do "sintagma fixo".

Conceitos análogos ao de sintema, são referidos com diferentes terminologias por outros linguistas. Tratar-se-á apenas de terminologias diversas ou, efectivamente de realidades distintas da abrangida pelo conceito martinetiano? A nossa reflexão limitou-se a confrontar o sintema com a lexia, proposta por Bernard Pottier, e com a sinapse sugerida por Émile Benveniste. Prende-se a nossa escolha apenas com factores de ordem cronológica: as três designações surgem na mesma década, lexia-1962, sinapse-1966 e sintema-1967.

Pottier (Pottier, 1962) considera a lexia como uma unidade do discurso, por oposição à palavra que é uma unidade virtual. Pottier distingue lexias simples, lexias compostas e lexias complexas. A lexia simples coincide com a "palavra", a lexia composta pode ser constituída por várias palavras em sequência fixa, corresponde assim às palavras compostas da gramática tradicional, a lexia complexa é uma sequência fixa de palavras. Exemplificando: "àgua" é uma lexia simples, "pisa papéis" é uma lexia composta e "moinho de café" uma lexia complexa. Constatamos que as lexias compostas e as lexias complexas podem coincidir com o que a linguística funcional chama sintema.

Émile Benveniste (Benveniste, 1966, p. 82-95), por sua vez, define sinapse como uma unidade lexical de significação, composta de vários lexemas. Os elementos que constituem a sinapse desenvolvem entre si uma ligação de natureza sintáctica, o que permite distinguir a sinapse das palavras compostas e derivadas, em que a ligação é, respectivamente, gráfica e morfológica. Os elementos da sinapse sucedem-se numa ordem fixa; apresentam a mesma forma de quando estão isolados; têm um conteúdo monossémico (enquanto elementos isolados são frequentemente polissémicos).

É evidente que o sintema abrange todas as formas que na terminologia de Benveniste consideramos sinapses.

Em comparação com conceitos análogos, vemos que o conceito de sintema é o mais abrangente, pois engloba, como já referimos, os capítulos tradicionais da composição e derivação e os conjuntos de palavras que funcionam como um todo, e a que chamámos cristalizações.

Quanto à sua constituição podemos distinguir vários tipos de sintemas:

- Sintemas constituídos por um monema livre ou liberável (monemas que podem existir fora dos sintemas) e por um monema conjunto: por exemplo "redescobrir", "re-" monema conjunto, "descobrir" monema liberável. Falamos nestes casos de afixação ou derivação.
- Sintemas constituídos por monemas liberáveis justapostos ou unidos por um elemento de ligação, por exemplo: "peixe-espada", "manda-chuva", "casa de campo", "mulher da vida".
- Sintemas constituídos por monemas não liberáveis ou con-

juntos, isto é, monemas que não ocorrem no discurso fora de sistemas, como, por exemplo, "biologia", "polígono", "telefone".

Centraremos agora a nossa reflexão apenas nos sistemas a que chamamos cristalizações, e que como acabámos de referir, quanto à sua constituição são formados por monemas livres ou liberáveis, apresentando a mesma forma de uma sucessão de monemas livres.

Diremos que é neste domínio que maiores problemas se colocam à identificação dos sistemas. Como saber se uma determinada sequência de monemas constitui um sistema ou um sintagma? Para tentar responder a esta questão será primeiro necessário abordarmos o conceito de sintagma.

Para Saussure, um sintagma é a combinação de dois ou mais signos consecutivos, por exemplo "re-lire, contre tous, la vie humaine, Dieu est bon, s'il fait bon temps, nous sortirons", etc (Saussure, 1972, 170). Na cadeia falada as unidades sucedem-se linearmente, estabelecendo entre si relações "in praesentia", ou seja relações essas que decorrem no eixo sintagmático. Saussure diz também que "a noção de sintagma se aplica não só às palavras, mas aos grupos de palavras, às unidades complexas de qualquer dimensão e espécie (palavras compostas, derivadas, membros de frases, frases inteiras)." (id.172). Sendo a frase o tipo de sintagma por excelência, e pertencendo esta à fala, Saussure interroga-se se o sintagma também pertencerá à fala, ao que responde negativamente. Considerando como característico da fala a liberdade de combinações,

Saussure constata que nem todos os sintagmas são igualmente livres: "On rencontre d'abord un grand nombre d'expressions qui appartiennent à la langue; ce sont les locutions toutes faites, auxquelles l'usage interdit de rien changer, même sil'on peut y distinguer à la réflexion, des parties significatives." (id, ib.) Saussure acrescenta ainda que devemos atribuir à língua e não à fala, todos os tipos de sintagmas construídos sobre um modelo. Apesar de não ter desenvolvido esta linha de pensamento, Saussure apercebe-se de que existem "sintagmas" que não têm existência apenas no plano sintagmático, e não decorrem só da escolha do locutor no momento de produzir a mensagem. Daqui se depreende a necessidade de um outro conceito, distinto de sintagma, para designar esses "sintagmas", cujos componentes estão longe de gozar de liberdade individual, referimo-nos aos sintagmas fixos ou sintemas.

Poderemos falar de actividade sintagmática quando o locutor escolhe sucessivamente os monemas necessários para a comunicação da mensagem em causa, um sintagma é um grupo sintáctico. Os sintemas são grupos lexicais, pertencem a um determinado paradigma, e o falante faz a sua escolha como um todo, e não escolhendo os seus componentes individualmente.

Retomemos então o problema da distinção entre o sintagma e o sintema no caso específico das cristalizações, ou seja, nos casos em que sintagma e sintema têm a mesma forma. A comutação não serve para os distinguir, pois ambos são analisáveis por meio da comutação. A aplicação do critério da não determinabilidade dos elementos que compõem o sintema será fácil se o resultado for negativo.

São necessários dois critérios para identificar um sintema. Primeiro, o conjunto de unidades em questão deve possuir as mesmas compatibilidades sintácticas de uma dada classe de monemas: "cabeça no ar", em "O marido da Maria é um cabeça no ar.", revela as mesmas compatibilidades sintácticas que "doi-do", "tonto", "leviano". Segundo, não podemos determinar apenas um dos elementos desse conjunto, mas só a sua totalidade. Teremos "Ele é um grande cabeça no ar.", e não *"Ele é um cabeça grande no ar." Na frase "Ele, de cabeça no ar, tentava avistar o pai.", "cabeça no ar" é um sintagma, e não um sintema. Poderemos ter por exemplo "Ele de cabeça bem esticada no ar tentava avistar o pai." Do mesmo modo consideraremos a sequência "deu-lhe na cabeça" como um sintema em "Deu-lhe na cabeça comprar um barco.", pois a expressão é utilizada para referir um capricho, uma decisão súbita, ao passo que a consideraremos um sintagma na frase "Ela pegou na pedra e deu-lhe na cabeça.", onde apesar de estarmos perante as mesmas unidades, o seu agrupamento resulta simplesmente da escolha do locutor para construir a mensagem, escolha essa que é individual e momentânea.

Dever-se-á referir que o grau de rigidez das cristalizações pode variar. Assim certos sintemas podem ou não admitir entre os seus componentes a introdução de elementos exteriores ao sintema. Podemos ter "Deu-lhe mesmo agora na cabeça ir comprar um barco.", mas não *"Ele é um cabeça desde sempre no ar". Vemos então que em certos casos a inserção de um segmento de discurso entre os membros de um sintema pode não conduzir

obrigatoriamente à sua destruição, por exemplo os seguintes sistemas admitem entre os seus membros elementos estranhos: "perder a cabeça" - "Assim que viu o barco perdeu logo a ca-
beça.", "andar numa fona" - "A mãe da noiva andou toda a semana numa fona.".

O sistema, tal como o monema, faz parte de uma estrutura paradigmática do plano do saber linguístico. O sintagma, por sua vez, realiza-se concretamente no discurso, no acto de fala, é pois uma entidade do plano da fala, se quisermos adoptar a dicotomia saussuriana.

Ainda entre as cristalizações que devemos considerar sistemas situam-se, porventura, os provérbios. Muitas línguas (todas?!) têm esse tipo de expressões fixas, grupos de palavras que funcionam como um bloco, como uma unidade. Os provérbios, tal como dissemos ser próprio dos sistemas, são estruturas pré-construídas, estruturas que integram o saber linguístico do falante e que este apenas reproduz no acto de fala, aquilo a que Coseriu chama "discurso repetido" (Coseriu, 1977, 113). O "discurso repetido" pertence ao plano paradigmático, não é nunca criado no acto de fala concreto. Em comum com os sistemas, os provérbios apresentam o facto de os seus elementos terem perdido, pelo menos parcialmente o seu valor significativo próprio, só funcionam como um todo. O significado de um provérbio, tal como o de muitos sistemas, não resulta necessariamente da combinação do significado dos seus termos, e muitas vezes até nada tem a ver com ele, diremos que os provérbios são caracterizados pela "idiomaticidade" (6). Tal como os sistemas caracterizam-se também pela fixação, o provérbio é um enunciado

que se reproduz em bloco, mas devemos salientar que tal fixação tem limites. A paremiologia tem de considerar os diferentes níveis de variação dos provérbios.

Como se aplicam aos provérbios portugueses os critérios utilizados para definir os sintemas?

Os elementos do provérbio não podem estabelecer relações individuais com qualquer outro monema exterior. Por exemplo, comprovamos esta característica em "Comprar gato por lebre" (cf, *comprei gato preto por lebre branca, *comprei um gato por uma lebre) e em "Pela boca morre o peixe" (Cf *pela boca morre o peixe do rio", *pela boca aberta morre o peixe.) Os sintemas, como dissemos, apresentam todas as compatibilidades dos monemas de uma dada classe. Esta característica nem sempre se encontra nas expressões idiomáticas e além do mais estas não são necessariamente substituíveis por um monema simples, ao contrário de sintemas como couve-flor. Na maior parte das vezes as expressões idiomáticas são substituíveis por sintagmas livres ou por sintemas, podendo também sê-lo por um monema. "Comprar gato por lebre" poderá ser substituído por "Ser enganado", "Ser ludibriado".

A partir destas considerações, ainda que insuficientemente alicerçadas, parece-nos que não devemos excluir os provérbios, em geral, da categoria dos sintemas, ou que pelo menos devemos considerá-los como complexos parassintemáticos ou parassintemas (Martinet, 1985, 41). Diremos que os parassintemas são unidades a meio-caminho entre o sintagma e o sintema, ou seja, unidades que apresentam apenas uma das características dos

sintemas: a impossibilidade de determinação individual das partes que os compõem. Sintacticamente os parassintemas apresentam compatibilidades que lhes são peculiares, e não coincidem com as de uma classe de monemas.

Concluir da natureza sintemática de uma unidade nem sempre é um assunto pacífico. Espreitará sempre o perigo de fazermos intervir o nosso "sentimento linguístico" ou o dos nossos informadores. A atitude a tomar, se quisermos adoptar uma prática científica, será efectivamente a de registar o carácter instável da cristalização em causa. A utilização de dados estatísticos poderá, eventualmente, ajudar a saber quando a frequência de utilização de um complexo atingirá os mesmos valores da frequência de unidades simples do mesmo tipo. Neste caso, os componentes do complexo dificilmente retomarão a sua autonomia.

A sintemática apresenta-se-nos como uma área onde muito há a fazer. Partindo da teoria funcionalista sobre as formações sintemáticas, parece-nos indispensável tentar avaliar certas aplicações do conceito a situações linguísticas reais onde tal não tenha sido ainda praticado.

Notas

(1) "Un monème est le plus petit segment du discours auquel on peut attribuer un sens.", A. Martinet, La linguistique synchronique, Paris, Puf, 1974, p. 11.

(2) Sobre compatibilidade ver Christos Clairis, "Classes, groupes, ensembles", La linguistique, 20,1,1984,p.3-10.

(3) Cf. José Herculano de Carvalho, Teoria da Linguagem, Coimbra, Coimbra Editora, vol. 2, 1984, p. 504 e ss.

(4) *Ib.*, nota 7, p. 505.

(5) *Ib.*, p.522

(6) "Entendemos por "idomaticidade" o facto de o significado de certas construções linguísticas fixas não se construir a partir da combinação dos seus elementos constituintes.", Ana Macário Lopes, Texto Proverbial Português, Dissertação de Doutoramento não publicada, Universidade de Coimbra, Julho de 1992, p. 38.

BIBLIOGRAFIA

Benveniste, Émile, 1966, "Formes nouvelles de la composition", *BSL*, LXI, 1, p. 82-95.

Carvalho, J. G. Herculano de, 1984, Teoria da linguagem, Coimbra, Coimbra editora, vol. 2.

Clairis, Christos, 1984, "Classes, groupes, ensembles", *La linguistique*, 20,1, Paris, Puf.

-----, 1992, "Le parasynthème, ce méconnu", *La linguistique*, 28, 1, Paris, Puf.

Coseriu, Eugenio, 1977, Principios de semántica estructural, Madrid, Gredos.

Lopes, Ana Cristina Macário, 1992, Texto proverbial português, Dissertação de Doutoramento, Universidade de Coimbra.

Marçalo, Maria João, 1991, Da fonologia à sintaxe - a teoria funcionalista de André Martinet, trabalho de síntese apresentado à Universidade de Évora, Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica.

Martinet, André, 1967, "Syntagme et synthème", *La linguistique*, 2, Paris, Puf.

-----, 1970, La linguistique synchronique, Paris Puf.

-----, 1980, "Synthematics", *Word*, New York, 31, 1.

-----, 1985, Syntaxe générale, Paris, Armand Colin.

-----, 1989, Fonction et dynamique des langues, Paris, Armand Colin.

Pottier, Bernard, 1962, Introduction à l'étude des structures grammaticales fondamentales, Faculté des Lettres et Sciences Humaines de l'Université de Nancy.

Saussure, Ferdinand de, 1972, Cours de linguistique générale, ed. crítica de Tullio de Mauro, Paris, Payot.